

## Música, educação e sociedade

SONIA REGINA ALBANO DE LIMA\*

### Resumo

A importância de interconectar a música com a educação e a sociedade é retratada no presente texto, no intuito de trazer para a área maior projeção social e melhor articulação pedagógica. Foram apresentadas algumas das áreas de conhecimento que estão se relacionando com a música, seja no campo da pesquisa quanto nos processos de ensino, o que tem beneficiado sobremaneira a área e modificado sensivelmente sua função e sentido na sociedade atual.

Palavras-chave: música, educação, sociedade, áreas de conhecimento

### Music, education, and society

#### Abstract

The importance of interconnecting music with education and society is focused in the present text, to bring to the area greater social projection and better pedagogical articulation. We present some of the areas of knowledge that are related to music, both in the field of research and in the teaching processes, which has greatly benefited the area and significantly modified its function and meaning in today's society.

Keywords: music, education, society, knowledge areas

---

\* Universidade Estadual Paulista - UNESP

E-mail: [soniaalbano@uol.com.br](mailto:soniaalbano@uol.com.br)

O interesse pelo aprendizado musical nas últimas décadas tem crescido consideravelmente sob uma perspectiva não tão acadêmica. Nunca tivemos à mão tantos materiais tecnológicos e ações destinadas à escuta e ao aprendizado musical. O ensino formal de música tem perdido terreno em prol do ensino não formal e informal. O diploma de música deixou de ser prioridade em nossa sociedade. Embora os projetos sociais tenham intensificado o ensino de música erudita em diversas vertentes socioculturais, de certa forma, o gosto musical tem privilegiado cada vez mais a escuta e o aprendizado da música popular em detrimento da música erudita. Os reflexos dessa atitude podem ser comprovados nas salas de concerto, que, em sua maioria, comportam um público jovem bem mais restrito do que aquele que frequenta assiduamente os shows e as apresentações musicais direcionadas para o repertório popular.

Na contramão dessas mudanças estão os cursos superiores de música (Bacharelados e Licenciaturas) que, na maioria, adotam um modelo de ensino tradicional advindo dos antigos conservatórios, com disciplinas e conteúdos curriculares delimitados, distanciados de uma tecnologia musical de ponta e da hibridez que percorre as manifestações artísticas veiculadas em nossa cultura.

O mundo segue sob uma perspectiva multidimensional, híbrida, onde tudo e todos se interconectam e as escolas de música, na contramão desse processo, ainda adotam um ensino unicista e disciplinar alicerçado há longos anos.

Hoje, um professor de música, até como forma de expandir seu campo de trabalho, busca atuar em espaços não formais e, quando leciona na educação básica, trabalha com um ensino artístico polivalente, sensibilizador, não voltado para o tecnicismo. Diversamente, sua formação acadêmica esteve centrada em uma matriz curricular exclusivamente voltada para a música, não interconectada com as demais linguagens artísticas.

Diferentemente, as Fundações e os Projetos Sociais têm atendido uma parcela significativa da sociedade, revelando talentos que teriam inúmeras dificuldades para frequentar escolas especializadas, universidades ou faculdades de música. Ações voltadas para a formação de instrumentistas, cantores, compositores, arranjadores e regentes têm obtido avanços consideráveis em nossa sociedade, capacitando futuros solistas, músicos de orquestra, de bandas, de conjuntos de câmara, coralistas, regentes, entre outras tantas funções. Como exemplo temos: o Instituto Elga Marte ([www.institutoelgamarte.org.br](http://www.institutoelgamarte.org.br)), um projeto de apoio ao desenvolvimento de jovens músicos; o Instituto Baccarelli ([www.institutobaccarelli.org.br](http://www.institutobaccarelli.org.br)) que oferece um trabalho educacional

pleno que transcende a profissionalização musical, para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social; a Academia de Música da OSESP ([www.osesp.art.br](http://www.osesp.art.br)), criada pela Fundação OSESP, com o intuito de capacitar novos músicos para as orquestras brasileiras, ofertando educação teórica, instrumental e artística com instrumentistas da OSESP; o Projeto Guri ([www.projetoguri.org.br](http://www.projetoguri.org.br)) que tem como missão a educação musical e a inclusão sociocultural de crianças e adolescentes na Grande São Paulo; o Projeto Neogibá ([www.neojiba.org](http://www.neojiba.org)), o Programa Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia, um dos programas prioritários do Governo do Estado da Bahia, tendo como objetivo alcançar a integração social por meio da prática coletiva e da excelência da música, dentre outros.

O empreendedorismo cultural, por sua vez, tem inserido no mercado excelentes músicos. Esse quadro restringe significativamente a formação de professores e profissionais que almejam seguir uma carreira acadêmica, seja lecionando em faculdades privadas ou universidades públicas. O ensino formal de música não é mais o único lugar onde se aprende esta arte.

A figura do professor de música também foi bastante modificada. A tecnologia e a globalização não deixam mais espaço para um ensino tradicional. Novas estratégias pedagógicas, novos métodos, novos planejamentos, mais do que roteiros e nivelamento de turmas inteiras, devem ser empregados pelos docentes. São inviáveis as aulas expositivas de um professor que não dialoga com a classe. Muitas vezes ele tem de manipular uma tecnologia que lhe é totalmente desconhecida e não tanto por parte dos alunos.

A formação coletiva centrada em um modelo curricular delineado e previsível, cede espaço a um aprendizado individualizado, personalizado, voltado a atender as necessidades cognitivas e musicais de cada aluno em particular. A flexibilização e adequação curricular se faz necessária, apesar das instituições de ensino, na maioria, adotarem uma matriz curricular comum, que favorece em muito a transferência dos alunos de uma instituição para outra.

No que diz respeito à formação de professores, quer queiramos ou não, o ensino de música a distância veio para ficar. Conforme expresso por Silvestre Novak (2010), o potencial transformador do EAD é bastante visível no que se reporta a inclusão educacional, pois propicia o acesso à formação profissional em nível superior, a um público que dificilmente teria oportunidade de frequentar cursos presenciais, de forma concomitante com o trabalho, seja em função da incompatibilidade de horários, seja em função da distância que separa os alunos das instituições formadoras. Este autor ainda afirma que quando se trata de oferecer essa modalidade de ensino para a formação de professores

em exercício nas redes públicas de ensino da educação básica, esse efeito transformador se multiplica. De certa maneira, o EAD coloca em xeque o modelo tradicional de ensino, à medida que abre espaço com demandas de uma sociedade complexa e dinâmica, que traz novas exigências, nem sempre possíveis de serem atendidas em um ensino tradicional.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já aprovada, ainda que eivada de algumas incongruências, nos próximos anos transformará substancialmente o perfil dos estudantes que adentrarem na educação superior, estimulando um ensino híbrido, pautado em itinerários formativos e não mais disciplinares, motivando cada aluno a traçar o seu próprio. Profissões, especialidades, tecnologias e produção musical interagirão de forma diversificada, demandando formações híbridas e perfis profissionais mais flexíveis e adaptados aos interesses socioculturais dos alunos. O aluno cada vez mais será o protagonista do seu próprio aprendizado.

O mundo mudou significativamente e bateu a porta das escolas de música, exigindo um professor totalmente remodelado e uma revisão curricular urgente das instituições. Aos poucos, as faculdades e universidades de música receberão alunos advindos dessa nova proposta pedagógica da BNCC, onde o hibridismo e as tecnologias educacionais irão se expandir com fortes tendências disruptivas que deverão ser solucionadas. Nesse futuro híbrido, os professores de música de todos os níveis deverão abandonar as práticas de repetir conteúdos ano a ano e assumir atitudes no processo de formação profissional que reverberem para o tutorar, o inspirar, o engajar, e o dividir responsabilidades. O docente do futuro deverá traçar caminhos de aprendizagem individual para os alunos, pautados nas suas necessidades, desenvolver competências para trabalhar entre o presencial e o digital e não pensar em uma formação musical massificada.

Hoje, a música não pode mais ser pensada como uma arte isolada, única, com função e entendimentos limitados exclusivamente a sua linguagem. Ela necessita se interconectar com as demais áreas de conhecimento e agir de forma a abarcar contextos sociais, educacionais, históricos, culturais e subjetivos, seja no campo das pesquisas ou mesmo nas atividades que envolvem a participação de músicos e professores. Esse comportamento epistemológico beneficiará em muito a área e não permitirá que ela se transforme no “patinho feio” da Educação.

Na atualidade muitas áreas de conhecimento têm produzido pesquisas e ações diferenciadas, interconectadas com pesquisadores, profissionais e educadores musicais, tanto nos espaços problemáticos da sociedade, nos espaços de lazer, nas produções artísticas, nos projetos

culturais, no ensino em geral, nos ordenamentos, ou em situações envolvendo a saúde dos músicos, o acolhimento dos menores infratores, menores não assistidos, idosos e pessoas com deficiência física e mental. Tais atitudes produzem um material operacionalizado que tem como objetivo trazer para a sociedade a paz, o equilíbrio, auxiliar os indivíduos a lidar mais enfaticamente com a subjetividade, com as emoções e com a própria sociedade.

Questões centradas na atitude de compreender que efeitos a música pode provocar na mente humana; que benefícios ou malefícios ela comporta; em que proporções e esferas ela atinge a humanidade e quais as relações que ela estabelece com as artes em geral, a estética, os demais campos de conhecimento, o indivíduo, a natureza e a história, são de extrema importância e devem ser melhor estudados com o intuito de ampliar a função e sentido da música na sociedade e na cadeia cognitiva.

Várias áreas de conhecimento têm dialogado com a música, fato que lhe confere o patamar de ser uma linguagem capaz de auxiliar em grande escala o indivíduo no seu desenvolvimento psíquico, físico e cognitivo e contribuir para a sua melhor adequação na sociedade. Entre outros motivos, esses fatores são mais do que necessários para viabilizar o ensino da música na educação básica, como forma de sensibilizar os estudantes e os indivíduos para a real dimensão desta arte e aumentar o número de profissionais de música em nossa sociedade.

Essa forma de pensar a música pressupõe continuamente a reflexão dos sujeitos envolvidos; perpetua uma parceria comprometida; promove pesquisas que almejam atingir os interesses sociais, culturais e do próprio indivíduo; pressupõe uma responsabilidade e comprometimento do indivíduo com o intuito de promover um futuro salutar para a prole humana e para o planeta (Lima, 2008, p. 193). Um professor ao transmitir seus conhecimentos, deve fazê-lo de forma significativa, pois o que está em jogo não é a simples transmissão de saberes, mas, a busca pelo desenvolvimento integral da personalidade do aluno e o respeito à sua individualidade (Lima, 2009, p. 94).

## **A música e suas interconexões com as demais áreas de conhecimento**

A interface que se estabeleceu entre a Música, a História e a Geografia, seja na definição dos estilos musicais agrupados em movimentos estéticos, seja na musicologia histórica, que analisa práticas musicais ligadas a um contexto histórico, ou mesmo na caracterização identitária de uma determinada região, segue também na Antropologia. Esta estabeleceu uma estreita ligação com a Etnomusicologia que investiga

não apenas a prática musical em si, mas todo o entorno das complexas relações da música na cultura, política, sociedade e economia.

A música também esteve e ainda está presente nos cultos, nas práticas e nas instituições religiosas. Desde a Idade Média, período marcado pela rápida expansão do cristianismo, nasceu uma cultura musical que se desenvolveu com a intenção de louvar a Deus. O canto atrelado ao texto litúrgico assumiu importância capital e fez proliferar a música sacra a ponto de alguns teóricos considerarem essa produção um dos gêneros musicais. O protestantismo aumentou ainda mais esse repertório e se estende na atualidade. Nas igrejas evangélicas “neopentecostais” o repertório classificado como *gospel* tem se expandido consideravelmente, tanto no Brasil como no exterior. Hoje, alguns dos mais atuantes projetos sociais no país são presididos por comunidades religiosas com a intenção de formar instrumentistas, regentes e compositores para atuarem nos cultos religiosos e produzirem um repertório cada vez mais massificado (Santos Perdigão, 2018).

A ligação da música com a filosofia vem desde a Grécia Antiga, com a escola pitagórica, e tem continuidade, ainda que minoritariamente, nas discussões atuais que envolvem a estética e a filosofia da música. Devemos considerar que as culturas antigas, as sociedades tribais e os grupos étnicos da atualidade, manifestam um conhecimento musical que tem na cosmogonia e no sagrado o sentido da origem humana, a sua estrutura e finalidade existencial. Os níveis de realidade dessas culturas antigas estão bastante ampliados, pois descrevem o desdobramento dos princípios iniciais da humanidade, da criação até a ordenação dos seres e da sociedade, conectados com o fenômeno sonoro. Esse entendimento atua na humanidade com o objetivo de dar sentido à vida e às coisas do mundo. A música nessas sociedades tem uma função bastante diferenciada. Pesquisadores dessa linha de pensamento têm buscado na música, sentidos distintos daqueles voltados para uma perspectiva científico-positivista (Lima, 2007, p. 7).

Também a arquivologia tem realizado um excelente trabalho na preservação e catalogação de partituras, gravações em áudio, audiovisual, organização de acervo musical, restauro, arquivo de documentos, livros e publicações, sempre recorrendo a profissionais com amplo conhecimento musical.

Muitas outras áreas de conhecimento estão interconectadas com a música, o que de certa forma aponta para a importância sociocultural e humana que ela detém. A atualidade tem demonstrado a importância de formarmos profissionais de música para uma diversidade de funções, extrapolando um desempenho iminentemente performático ou pedagógico tecnicista.

Não seria improdutivo mencionar a ligação profunda da música com a Literatura, seja nos contextos operísticos ao lidar com os libretos, seja nos poemas sinfônicos, nos *lieder*, na musicalização de fábulas e contos, na arte de musicar histórias do folclore e da mitologia, nas letras das canções populares dos “cancionistas”, entre outras possibilidades.

A música e o Cinema de certa maneira parecem estar interconectados desde o início da cinematografia. Ela é uma ferramenta vital para transportar o espectador para o clima encenado, trazendo para a película maior emoção. Da mesma forma, segue a interconexão da Música com o Teatro e a Dança.

Os movimentos estéticos nas artes plásticas também revelam a íntima conexão entre essas duas artes. O pontilhismo do século XX, por exemplo, enquanto técnica da pintura, no qual pequenas manchas ou pontos de cor provocam, pela justaposição, uma mistura óptica capaz de formar imagens, pode ser presenciado nas composições musicais de Anton Webern ou Karlheinz Stockhausen. Nesta produção musical, os compositores não buscam uma sequência de contornos melódicos, adotam notas de forma isolada que juntas proporcionam uma textura sonora similar à técnica da pintura.

Da mesma forma, antecedendo o pontilhismo, temos o impressionismo, movimento pictórico que abandonou o retrato fiel da realidade, a linearidade presente no Realismo e no Romantismo, tornando a luz e o movimento, os principais elementos da pintura. Não mais a representação fiel de um objeto, mas aquela que o pintor considera importante de ser retratado. Por sua vez, a música impressionista surgiu no século XIX, também surge como uma reação aos excessos composicionais do Romantismo. Ela utiliza mais dissonâncias; escalas pouco comuns ao sistema tonal ocidental (escala hexafônica, pentatônica, escalas étnicas ou “exóticas”); gêneros musicais, geralmente mais curtos (noturnos, prelúdios, arabescas); linhas melódicas pouco nítidas, mais angulosas, sensuais e etéreas e os efeitos sonoros passam a ser bem mais importantes que a própria melodia. As composições de Claude Debussy e Maurice Ravel retratam bem este estilo musical.

O expressionismo foi outro movimento pictórico que influenciou a música e as demais artes. Surgiu na Alemanha, inicialmente na pintura, estendendo-se aos poucos para todas as artes. É sinônimo de um amplo movimento heterogêneo, de uma atitude e de uma nova forma de entender a arte, que aglutinou diversos artistas de várias tendências, formações e níveis intelectuais. Está associado aos movimentos impressionista e naturalista, propondo uma arte pessoal e intuitiva, onde predomina a visão interior do artista em oposição à mera observação da realidade. Ele deforma a realidade para expressar de forma

subjetiva a natureza e o ser humano. A música expressionista, seguindo esta estética, visou desligar a música dos fenômenos objetivos externos, sendo instrumento único da atividade criadora do compositor e refletindo o seu estado anímico fora de toda regra e convenção até então existente. Esse movimento buscou criar uma nova linguagem musical, libertando a música dos padrões tradicionais de escrita, abandonou a tonalidade, deixando que as notas fluíssem livremente. É evitada a polarização e a atração aos centros tonais. A destruição da hierarquia na escala musical é equivalente à eliminação da perspectiva espacial renascentista efetuada igualmente pelas vanguardas pictóricas. Arnold Schönberg, Alban Berg e Anton Webern são alguns dos mais reconhecidos exemplos de músicos expressionistas.

Não poderíamos deixar de lembrar a ligação cada vez mais intensa que a música estabelece com a Educação e as Ciências da Educação. Os princípios gerais destas ciências estão cada vez mais presentes nas pesquisas da área e nas matrizes curriculares dos cursos de Licenciatura em Música. O melhor entendimento sobre a estruturação dos currículos, o estudo dos ordenamentos educacionais, das correntes pedagógicas que auxiliam a formação dos docentes em música, são alguns dos temas que têm sido estudados nas Licenciaturas em Música. Muitas das teses e dissertações desenvolvidas nos programas de pós-graduação tem trabalhado com temáticas envolvendo questões educacionais que sob alguma perspectiva se aplicam ao ensino musical.

A interconexão da Matemática, da Física e da Química com a Música tem se intensificado nos últimos anos. Na Matemática a ligação se faz presente desde a Antiguidade Grega, com a escola pitagórica. Temas envolvendo a séria harmônica, a formação das escalas, a noção intervalar, o temperamento em música, a adequação das figuras musicais com o sistema de fração aritmética, a noção de consonâncias perfeitas e imperfeitas, estão associados a princípios matemáticos. Na Física os modos de afinação, a construção de instrumentos, a acústica, a classificação do que é som e do que é ruído, são algumas das temáticas parceiras na inter-relação dessas duas áreas de conhecimento. A Química também se faz presente quando realiza pesquisas demonstrando o quanto as drogas e as bebidas alcóolicas prejudicam os performers e de que forma utilizar os beta-bloqueadores para atenuar a ansiedade e o nervosismo dos instrumentistas, cantores e regentes durante a performance no palco.

No campo tecnológico a música tem obtido inúmeros benefícios, sejam eles pedagógicos, composicionais, de auxílio performático, seja no acesso as partituras, gravações, no trabalho de restauro de partituras, conferindo ao produto musical um acesso democrático que se ex-

pande de forma relevante. Linguagens computacionais, trazem possibilidades nunca antes imaginadas para a prática musical e para a pesquisa musical.

A Ecologia sonora é outro campo que tem se desenvolvido e produzido inúmeros profissionais focados em compreender em que medida o som pode ser propagado de forma saudável nos ambientes. Há muito, a Europa tem trabalhado com profissionais que se preocupam em adequar o melhor repertório e volume sonoro nos ambientes comerciais, industriais e de lazer. Muitos espaços residenciais são pesquisados buscando detectar os níveis de ruído que precisam ser evitados, visando trazer maiores benefícios auditivos aos seus moradores.

Muitas outras áreas podem se interconectar com a música; entretanto, na contramão dessa diversidade de funções e interconexões cognitivas, os cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música têm oferecido uma formação profissional bastante tecnicista. Em uma pesquisa que realizei no ano de 2012, constatei o quanto as matrizes curriculares desses cursos estavam focadas no aprendizado da teoria e percepção musical, análise, história e estética musical; poucas disciplinas pedagógicas, aulas de instrumento, canto, regência e composição (Lima, Braz, & Clementino, 2012).

Ainda que esses ensinamentos sejam importantíssimos para a capacitação de um profissional de música, diante da gama de trabalhos musicais presentes na contemporaneidade, torna-se fundamental pensar que músico e docente formar para o futuro; que direcionamento conferir as pesquisas realizadas nos cursos de pós-graduação em música; como desenvolver uma produção musical capaz de fazer frente a um repertório da cultura massiva que dia a dia perde qualidade; como estender para os cursos de graduação, formações profissionais que atendam mais diretamente os interesses sociais.

## **Enfim, Música e Cognição**

As chamadas ciências cognitivas e, em particular, a cognição musical transformaram-se, nas últimas décadas, em importantes áreas de pesquisa no cenário internacional e têm contribuído imensamente para o desenvolvimento performático dos instrumentistas e dos músicos em geral. O psicólogo John A. Sloboda (2008), o psiquiatra Anthony Storr (2002), o médico Osvaldo Fustinoni (2015), o músico Jean-Paulo Despains (2010) e o psicólogo H. Gardner (1997) são alguns dos pesquisadores com publicações importantes para a área.

Neste contexto, a fonoaudiologia tem desenvolvido alguns trabalhos inovadores voltados para a saúde vocal dos cantores. A fonoaudióloga Morgana Guedes Paes de Lira relata:

A maior parte do trabalho fonoaudiológico com cantores costuma estar baseada em dois pontos principais: promoção de saúde (portanto, prevenção de lesões e abusos por uso inadequado da voz) e intervenções terapêuticas, quando já existe um problema instalado como, por exemplo, um nódulo vocal. No que se refere à orientação para evitar os problemas, é feita uma avaliação prévia para entender o potencial desse cantor, que tipo de voz ele tem, qual a demanda atual de performance e se já é acompanhado por outros profissionais, como otorrinos, professores de canto, preparadores vocais, nutricionistas etc. O fonoaudiólogo vai então preparar uma intervenção que pode incluir desde um programa de condicionamento vocal específico e individualizado, até sessões de acompanhamento e consultoria "in loco", durante as apresentações. Os benefícios obtidos são a melhora da produtividade, redução do esforço, maior conforto fonatório, redução da fadiga, adequação de técnica, melhora da articulação, dentre outros. Com os exercícios adequados, até mesmo o condicionamento físico e respiratório melhora, a depender do que esse cantor realiza no palco quando se apresenta, no caso dos chamados "cantores de alta performance". Existem fonoaudiólogas especializadas em distonia laríngea em cantores. A informação que tenho, por não ser a minha área de atuação, é de que elas atuam em atendimentos multidisciplinares, incluindo também neurologistas e fisioterapeutas, pela própria natureza da distonia.<sup>1</sup>

As pesquisas no campo da saúde, preocupadas com a saúde dos instrumentistas e dos músicos, têm se intensificado, principalmente aquelas focadas nos estudos das distonias focais e disfalias que podem ocorrer com exercícios e trabalhos técnicos desregrados por parte dos instrumentistas, ou em situações de pressão psicológica sobre os músicos—comum em ambientes como orquestras—levando-os a uma perda na capacidade de controle motor. Neste último caso, não há danos musculares, mas no sistema nervoso central. As práticas diárias inadequadas dos instrumentistas, cantores e regentes podem conduzi-los a aquisição de tendinites ou mesmo lesão por esforço repetitivo. Preservação auditiva tem sido outra preocupação médica com relação aos instrumentistas de sopro, em orquestras, assim como os instrumentistas de cordas, que ficam logo abaixo.

Muitos músicos têm realizado seus doutorados e pós-doutorados em instituições de ensino voltadas para a saúde, com o intuito de estenderem seus conhecimentos em prol de beneficiar os instrumentistas e cantores no exercício de sua profissão. Na área de Canto a fisio-

---

<sup>1</sup> Correspondência pessoal de 2018.

logia tem servido imensamente, seja no conhecimento do sistema respiratório, seja no entendimento da ação muscular a ser empregada. A musicista e fisioterapeuta, Dra. Rita de Cássia dos Reis Moura, especialista em fisiologia do exercício pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), afirma:

O treinamento do músico de forma a desenvolver sua vida profissional de modo mais abrangente, quase nunca é contemplado; assim, o estudo é desenvolvido sem conhecimento da demanda de trabalho muscular, das estruturas do corpo envolvidas e sua fisiologia e dos possíveis problemas que poderão aparecer (Jabusch & Altenmüller, 2006, p. 265). O alto grau de performance exigido, dada a evolução e a técnica dos instrumentos, solicita muito do intérprete, que, na tentativa de conseguir a perfeição exigida e o total domínio técnico, muitas vezes ultrapassa seu limite físico. O instrumentista — seja solista, músico de orquestra ou integrante de qualquer outro tipo de agrupamento musical arca com uma demanda muito grande de exigências, consideravelmente aumentadas por pressões musicais que surgem a partir do próprio estudante, o professor, maestro, colegas de profissão, a mídia (Moura, Fontes, & Fukujima, 2000, p. 103). A conscientização do meio musical bem como das instituições de ensino sobre os prejuízos ocupacionais, a importância dos tratamentos, processos de lesão, da amplitude e de alto índice de comprometimento é necessária para que músicos, educadores, setores administrativos de instituições de ensino e de saúde sejam parceiros nos tratamentos e na adoção de medidas preventivas para garantir saúde e longevidade profissional.<sup>2</sup>

A musicoterapia, por sua vez, também tem desenvolvido pesquisas sob uma perspectiva híbrida e interconectada, com a finalidade precípua de utilizar a música no tratamento de enfermidades; na estimulação cognitiva para idosos; nos níveis avançados de estresse; sob um contexto clínico, educacional e social na prevenção e apoio aos problemas relacionados a saúde mental, promovendo maior qualidade de vida e bem-estar. Ela busca desenvolver potenciais, restaurar funções dos indivíduos para que eles alcancem melhor qualidade de vida por meio da prevenção, reabilitação ou tratamento de doenças.

A Psicomotricidade, bem como a Educação Física, tem contribuído satisfatoriamente para o desenvolvimento equilibrado dos movimentos corporais na atividade musical, já que os instrumentistas, cantores e regentes utilizam o corpo por horas seguidas. Nesse sentido, o músico deve desenvolver um controle corporal, de forma a minimizar o desgaste muscular e desenvolver práticas corporais que o auxiliem a

---

<sup>2</sup> Correspondência pessoal de 2018.

melhor conduzir sua performance. A técnica de Alexander, o método de estudo do movimento desenvolvido por Rudolf von Laban (1976), são algumas das práticas corporais bastante utilizadas pelos instrumentistas.

A Neurociência Cognitiva é outra área que tem se expandido significativamente no sentido de avaliar em que medida as questões fisiológicas ou regiões cerebrais são afetadas pela música. Ela tem estreitado as relações com as ciências cognitivas em geral, no sentido de analisar aspectos fisiológicos ou regiões do cérebro ativas na realização das atividades musicais.

### **Considerações finais**

De certa maneira, as novas frentes de trabalho e o desenvolvimento de pesquisas musicais interligadas a novas áreas de conhecimento nos conduzem a um ensino musical que privilegia a formação integral dos indivíduos, seja na sociedade, ou na sua essência psíquica, espiritual e física.

Na sociedade contemporânea a construção do saber se modifica e acompanha o ritmo frenético da evolução social, onde diversos sistemas de informação passam a possibilitar a rápida aquisição de conhecimento. Nesse processo, o docente em geral, que ocupava um espaço de exclusividade e hierarquia na transferência de saber, passa a dar lugar também à fala do discente, que deixa de ser um simples receptor de informações. Sob este contexto, a docência musical nas instituições de ensino superior, deve ser entendida como um fenômeno social capaz de se adequar aos ditames contemporâneos. O interesse e a troca de informações direcionam os processos formativos nesta área.

O momento exige profundas mudanças. Diante dessa realidade é importante às instituições de ensino, aos profissionais e docentes ligados à música estabelecer parcerias epistemológicas com as demais áreas de conhecimento; relacionar-se com a comunidade no sentido de atender as suas expectativas; abrir novas frentes de trabalho; remodelar a matriz curricular dos cursos de formação musical de forma a deixá-los menos tecnicista; estabelecer projetos de ensino extracurriculares e cursos abertos capazes de produzir conhecimentos musicais necessários ao desempenho de novas funções; beneficiar-se cada vez mais da tecnologia, considerando-se que em poucas décadas o território escolar será desmantelado em prol de uma espacialidade virtual. Só uma ação conjunta da Música com a Educação e a sociedade poderá promover as mudanças necessárias para que a música seja melhor incorporada no sistema educacional brasileiro e atenda mais prontamente os desafios profissionais da atualidade.

Algumas dessas ações já são, há muito, parte das reivindicações dos pesquisadores da área, entre elas: a música integrando a matriz curricular da educação básica sob uma perspectiva menos tecnicista e mais abrangente; o ensino profissionalizante para os alunos interessados em seguir uma carreira musical; cursos de capacitação e reciclagem; a implantação mais intensa de projetos sociais ligados ao ensino de música; ações mais reflexivas e participativas por parte dos protagonistas do ensino musical; a EAD como proposta de ensino a se perpetuar no futuro, considerando-se que em pouco tempo a universidade será mais virtual do que presencial. Que essas e outras medidas tornem a Música uma área de conhecimento importante para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

## Referências

- Despins, J. P. (2010). *La música y el cérebro*. Espanha: Gedisa Editorial.
- Fustinoni, O. (2017). *El cérebro y la música: emoción, creación e interpretación*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo.
- Gardner, H. (1997). *As artes e o desenvolvimento humano*. Edição Artmed.
- Laban, R. (1976). *The language of movement: a guidebook to choreutics*. Boston: Plays Inc.
- Lima, S. A. de (Org.). (2007). *Uma leitura transdisciplinar do fenômeno sonoro*. São Paulo: Editora Som e Faculdade de Música Carlos Gomes.
- Lima, S. A. de. (2008). Mais reflexão, menos informação. In: I. Fazenda (Org.). *O que é interdisciplinaridade* (pp.185–199). São Paulo: Cortez Editora.
- Lima, S. A. de. (Org.) (2009). Os cursos de formação de docente e a intrincada relação professor/aluno. *Ensino, Música & Interdisciplinaridade* (pp. 85–96). Goiânia: Editora Vieira e Irokun Brasil.

- Lima, S. A. de, Braz, A. L. N., & Clementino (Orgs.). (2012). *Arte, Cultura e Educação na formação de Docentes: Ilusão ou Realidade*. São Paulo: Editora Som.
- Novak, S. (2010). *Educação a distância e racionalidade comunicativa: A construção do entendimento na comunidade virtual de aprendizagem*. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Educação – UFRGS.
- Santos Perdigão, A. K. (2018). O ensino coletivo da performance musical em uma Instituição Religiosa. *Interdisciplinaridade*, n. 13, outubro de 2018. Acessado em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>
- Sloboda, J. A. (2008). *A mente musical: a psicologia cognitiva da música*. Londrina: EDUEL.
- Souza Nunes, H. (Org.). (2012). *EAD na formação de professores de música: Fundamentos e Prospecções*. Tubarão: Copiart.
- Storr, A. (2002). *La música y la mente*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A.